

UM NOVO OLHAR SOBRE A LEITURA

Adriano César Gomes*

A Leitura, de Vincent Jouve, pode ser considerado um tratado sobre as formas de participação e interferência do leitor no processo de leitura. Antes de 1970, os estudos dos processos de leitura não levavam em conta o desempenho do leitor. Para argumentação da sua própria obra, Jouve optou por uma abordagem conceitual e teórica. O toque de empirismo é dado pelos exemplos de obras literárias e sua contextualização em relação ao leitor. Aliás, os exemplos – trechos de livros que destacam as performances de interação com o leitor – são os melhores artifícios usados pelo autor na construção do seu próprio ponto de vista.

Biografia

*Estudante de Jornalismo nas Faculdades do Brasil – Unibrasil – 8º período

Após uma curta e necessária introdução, o primeiro capítulo traça aspectos gerais da atividade de leitura. O autor cita os vários tipos de processos (neurofisiológico, afetivo, cognitivo, argumentativo e simbólico) a fim de apresentar a leitura como um processo complexo e pluralizado. Ainda no primeiro capítulo o autor desenvolve a idéia dos problemas de recepção do texto. Numa das passagens mais interessantes em relação ao tema, Jouve cita a visão que Roland Barthes tem sobre a importância da releitura.

O segundo capítulo do livro de Jouve questiona o papel e a função do leitor na construção do sentido da obra. Através de comparações e similaridades entre autores teóricos como Lintvelt, Picard, Eco e Iser. A estruturação e argumentação são obviamente válidas, mas a complexidade das abstrações contidas no texto dificulta o acesso e o entendimento do leitor à obra de Jouve. Não deixa de ser irônico, já que Jouve dispensa páginas e páginas da sua obra falando de como estudar ou mensurar o interesse do leitor

pelo texto escrito.

Entre as classificações trazidas por Jouve – na maioria das vezes por referência de outros teóricos – merecem destaque:

- o narratório, de Genette: é o leitor inscrito no texto. Diferente do leitor real;

- o “leitor implícito”, de Iser: diretivas da leitura, dedutíveis do texto e válidas para qualquer leitor;

- o “leitor implícito”, de Lintvelt: é o leitor abstrato, que funciona como imagem do destinatário pressuposto e como imagem do receptor ideal;

- o narratório, de Lintvelt: ao contrário da definição de Genette, este reserva o termo para o leitor fictício interpelado pelo autor;

- o leitor modelo, de Eco: é um conjunto de condições de sucesso ou de felicidade,

estabelecidas textualmente, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu potencial. Seria o leitor ideal;

- o leitor real, de Picard: é o indivíduo de carne e osso, aquele que segura o livro nas mãos.

Apesar das poucas restrições à apresentação da obra, a verdade é o que “A Leitura”, de Jouve, traz à tona reflexões interessantes e necessárias em relação ao papel do leitor. As abordagens teóricas que consideram o leitor como participante na construção do sentido da obra, são recentes e Jouve – através deste livro – consegue fazer uma mediação inteligente a respeito das várias teorias, escolas e abordagens que estudaram e pesquisaram o complexo e rico fenômeno de leitura.

Após um segundo capítulo rapidamente indigesto – não confundir com diegético – Jouve volta às boas ao tratar da interação texto-leitor. É nesta parte do livro que o autor deixa claro que “o texto, estruturalmente incompleto, não pode abrir mão da contribuição do leitor” (p.62). Aqui o autor ainda discorre sobre as quatro esferas essenciais que levam o leitor a completar o texto:

- verossimilhança
- seqüência das ações
- lógica simbólica
- significação geral da obra

Durante o terceiro capítulo surge também o conceito de “contrato de leitura”, que em poucas palavras significa aquilo que o autor propõe ao leitor, ou seja, um certo número de convenções programadas para a recepção do leitor. Jouve

diz que uma “uma obra define seu modo de leitura pela inscrição num gênero e seu lugar numa instituição literária”. Ele mesmo admite que o conceito é genérico. Diria que não apenas genérico, mas também enganoso. O fato é que, hoje em dia, as obras literárias – a meu ver – já não cabem em rótulos fixos que não permitam o leitor aceitar ou entender determinadas “liberdades” por parte do autor. Cito como exemplo “Anjos da América”, de Tony Kushner. Inicialmente uma aclamada peça de teatro, acabou virando uma mini-série de TV bastante premiada. O texto tem seu enredo dentro de uma argumentação absolutamente real: trata de AIDS, política americana e outros assuntos táteis, atuais e verídicos. Mas nem por isso deixa de ser surreal, afinal existem anjos na trama. Mas eles não são retratados de uma forma abençoada e absurda. Eles são verossímeis e parecem reais. Sendo assim, qual a classificação desse tipo de obra? Esse é o meu ponto: como fica difícil estabelecer limite do que é um texto para teatro, o que é um roteiro de cinema, um script para TV ou uma obra literária, também fica quase impossível estilizarmos gêneros únicos, fixos ou imutáveis.

Para não dizer que tudo são flores, no quarto capítulo a leitura volta a enrolar. De Aristóteles e sua dialética, Paul De Man e outros. Acontece que a salada não cai bem e mais uma vez o leitor é lançado ao hiper espaço de divagações criadas por Jouve. Não desfaço a qualidade da argumentação do autor, mas a ampliação e vastidão de conceitos e possibilidades acaba por distanciar o leitor da discussão objetiva do texto.

Do quinto capítulo em diante, até à conclusão, o texto corre fácil e a leitura flui sem barreiras teóricas ao raciocínio e à assimilação do conteúdo expresso. O autor fala do prazer do jogo, substancia sua argumentação – voltando a citar Picard – e capta com maestria o interesse de quem lê. No sexto capítulo ele passa a falar do impacto do texto em relação ao leitor.

Muito fica da leitura oferecida por Jouve, como o abandono do estruturalismo em favor de um entendimento mais holístico do ato da leitura, não como um processo encerrado pelo autor, mas sim como uma atividade participativa, de prazer e identificação do próprio destinatário.

A leitura, mais que um ato lógico e sistêmico, é um meio de contato com o que há de mais pessoal em cada um de nós. Para a leitura ser eficiente, há de se ter o cuidado de não ampliá-la e nem restringi-la demais, pois em ambos os casos, pode-se perder de vista o objeto principal: a especificidade, a mensagem da obra. *En passant*, erro cometido pelo próprio autor na construção da obra aqui resenhada.

Para haver justiça, não há como passar despercebido à aula de literatura universal fornecida por Jouve em seus exemplos práticos – e muito bem explicados,

ilustrativos.

Os autores e trechos de livros citados nas diversas páginas da obra, são – na verdade – parte essencial do que há de mais interessante na literatura de todos os países. Se **A Leitura** não valer a pena em todo o seu conteúdo – às vezes demasiadamente técnico e estruturalista (aquilo que o próprio autor combate) – valerá pela riqueza de referências às boas obras da literatura.

REFERÊNCIA

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Unesp, 2004.